

FERREIRA GULLAR

CARTA AO INVENTOR DA RODA

O teu nome está inscrito na parte mais úmida de meus testículos suados; inventor, pretensioso jogral dum tempo de riqueza e providências ocultas, cuspo diariamente em tua enorme e curiosa mão aberta no ar de sempre ontens hojeficados pela *hipocrisia das máculas vinculadas aos artelhos de alguns plantígrados sem denodo*. Inventor, vê, a tua vaidade vem moendo meus ossos há oitocentos bilhões de sóis iguais-desiguais, queimando as duas unhas dos mínimos obscurecidos pela antipatia da proporção inelutável. Inventor da roda, louvado a cada instante, nos laboratórios de Harvard, nas ruas de toda cidade, no soar dos telefones, eu te amaldiçoo, e principalmente porque não creio em maldições. Vem cá, puto, comedor de aranhas e búzios homossexuais, olha como todos os tristíssimos grãos de meu cérebro estão amassados pelo teu gesto esquecido na sucessão parada, que até hoje tua mão desce sobre a madeira sem forma, no cerne da qual todas as mecânicas espreitavam a liberdade que viria de tua vaidade. Pois bem, tu inventaste o ressecamento precoce de *minhas afinidades sexuais, de minhas probabilidades inorgânicas, de meus apetites pulverulentos*; tu, sacana, cuja mão pariu toda a inquietação que hoje absorve o reino da impossibilidade visual, tu, vira-bosta, abana-cu, tu preparavas aquela manhã, diante de árvores e um sol sem aviso, todo este nefasto maquinismo sevicioso, que rói meu fêmur como uma broca que serra meu tórax *num alarma nasal de oficinas de madeira*. Eu estou soluçando neste edifício vastíssimo, estou frio e claro, estou fixo como o rosto de Praxíteles entre as emanações da ginástica corruptiva e emancipadora das obliterações documentárias. Eu estou, porque tu vieste, e talhaste duma coxa de tua mãe a roda que ainda roda e esmaga a tua própria cabeça multiplicada na inconformidade vulcânica das engomadeiras e dos divergentes políticos em noites de parricídio. Não te esquecerei jamais, perdigoto, quando me cuspiste o ânus obliterado, e aquele sabor de alho desceu vertiginosamente até as articulações motoras dos passos desfeitos definitivamente pela comiseração dos planetoides ubíquos. Agora estou

aqui, eu, roda que talhaste, e que agora te talha e te retalha em todos os açougues de Gênova, e a tua grave ossada ficará à beira dum mar sujo e ignorado, lambido de dia ou de noite pelas ondulações dum mesmo tempo increscido; tua caveira acesa diante dos vendilhões será conduzida em pompa pelos morcegos de Saint-Germain-des-Prés. Os teus dentes, odioso berne deste planeta incorrigível, serão utilizados pelos hermafroditas sem amigos e pelas moças fogosíssimas que às duas da manhã, após toda a sorte de masturbação, enterram na vagina irritada e ingênua os teus queixais, caninos, incisivos, molares, todos, numa saudação à tua memória inexorável.

FERREIRA GULLAR

CARTA DE AMOR AO MEU INIMIGO MAIS PRÓXIMO

espero-te entre os dois postes acesos entre os dois apagados naquela rua onde chove ininterruptamente há tempo; procuro tua mão descarnada e beijo-a, o seu pelo roça os meus lábios sujeitados a todos os palimpsestos egípcios; cruzas o mesmo voo fixado num velho espaço onde as aves descoram e o vento seca retorcido pelo grave ecoar das quedas capilares; apalpo o teu cotovelo entediado, amor, teu cotovelo roído pelo mesmo ar onde os olhares se endurecem pela cicatrização das referências ambíguas, pela recuperação das audácias, pelas onomatopeias das essências; amor!, vens, cada sono, com tuas quatrocentas asas e apenas um pé, pousas na balaustrada que se ergue, como uma pirâmide ou um frango perfeito, do meu ombro à minha orelha direita, e cantas:

ei, ei, grato é o pernilongo aos
corredores desfeitos
ei, ei, Ramsés, Ramsés brinca com
chatos seculares

bem, quero que me encontres esta noite na Lagoa Rodrigo de Freitas, no momento exato em que os novos peixes conheçam a água como não conheces jamais o ar nem nada, nada. Iremos, os dois, como um gafanhoto e um garfo de prata, fazer o percurso que nasce e morre de cada pé a cada marca, na terra vermelha dos delitos, queridinho!

UM PROGRAMA DE HOMICÍDIO

CARTA DO MORTO POBRE

Hein. Agora que já não me resta qualquer possibilidade de trabalhar-me
 (oh trabalhar-se! não se concluir nunca!), posso dizer com simpleza a
 tua da minha morte. Fui sempre o que mastigou a sua língua e a engoliu.
 (1) que apagou as manchas e, à noite, os anúncios luminosos e, no verso,
 a música, para que apenas a sua carne, sangrenta pisada suja — a sua
 pobre carne o impusesse ao orgulho dos homens. Fui aquele que preferiu
 a piedade ao amor, preferiu o ódio ao amor, o amor ao amor. O que se
 disse: se não é da carne brilhar, qualquer cintilação sua seria fátua; dela é
 o apodrecimento e o cansaço. Oh não ultrajes a tua carne, que é tudo!
 Pobre, polida, não deixará de ser pobre e efêmera. Oh não ridicularizes
 a tua carne, a nossa imunda carne! A sua música seria a sua humilhação,
 por ela, ao ouvir esse falso cantar, saberia compreender: "sou tão abjeta
 que nem dessa abjeção sou digna". Sim, é no disfarçar que nos banaliza-
 mos, porque, ao brilhar, todas as coisas são iguais — aniquiladas. Vê o
 dominante: o brilho é banal, ele é eterno. O eterno é vil! é vil!

Porque estou
 morto é que digo: o apodrecer é sublime e terrível. Há porém os que
 não apodrecem. Os que traem o único acontecimento maravilhoso de
 sua existência. Os que, súbito, ao se buscarem, não estão... Esses são
 os assassinos da beleza, os fracos. Os anjos frustrados, papa-bostas! oh
 como são pálidos!

Hein: a arte é uma traição. Artistas, ah os artistas! Animaizinhos
 suados, vermes dos resíduos, caprichosos e pueris. Eu vos odeio! Como
 seus ridiculos na vossa seriedade cosmética!
 e ilhe nos os pés do homem. As orelhas e os pêlos a crescer nas virilhas. Os
 fuchos do mundo são algo estranho e mortal. O homem é grave. E não
 é mui, senão para morrer.

Tempo acumulado nas dobras sórdidas do corpo, linguagem. Meu rosto
 singular, remoto, em que ar?, corpo, clarão soterrado!

é abençoado de ossos, o dia!, o escorpião de que o mover-se é brillos de-
 bilitar do pó.

Mar — oh mastigar-se!, fruto enraivecido! — nunca atual, eu sou a matéria de meu duro trabalho.

Queimo no meu corpo o dia. Sob estas roupas estou nu e mortal.

Minhas orelhas e meu ânus são uma ameaça ao teu jardim.

Chego e os gerânios pendentes fulguram. As cousas que estão de bruços voltam para mim o seu rosto inaceitável, e consome as palavras o meu dia de trezentos sóis próximos.

As frutas gastam os teus pés. As árvores que trabalham onde tu não sabes, e sobretudo nos perdidos quintais onde estou morto debaixo das folhas, e a oscilação das marés — mesmo quando dormes — cozinham os céus dos dias, envelhecem as tuas nádegas.

O dia de hoje, este claro edifício que nós todos, os acrobatas, com o auxílio das águas, cegas, e das plantas, vamos construindo, ao sol, dura, duramente — sabemos: ruirá.

Há, nas tardes, um instante exato — que os rios precipitam — em que as cidades desabam, sempre; e nos sepultam.

As praias devoram o tempo de tua vida; em sua fimbria acesa, pêndulos, consomem-se os dias e as noites; no mar, o que nos astros brilha, é trabalho. Estamos perdidos.

Contra o solo do sono, te precipitaste, sem baque; o teu desastre, dormidor, foi branco. Acima de teu teto há sol, grana a crepitação das horas, as altas nuvens que, sem que te impilam, te impelam.

As minhas palavras esperam no subsolo do dia; sobre elas chovera, e sóis bebidos trabalham, sem lume, o seu cerne; tempo mineral, eu as desenterto como quem desenterra os meus ossos, as manchas calcinadas — carvões!

queimo-as aqui; e esta fulguração já é nossa, é luz do corpo

constituo uma nova solidão para o homem; lugar, como o da flor, mas dele, ferocíssimo; como o silêncio aceso; a mais nova morte do homem

constituo, com os ossos do mundo, uma armadilha; aprenderás, aqui, que o brilho é vil; aprenderás a mastigar o teu coração, tu mesmo.

2

A lama, a sua cintilação. Os capins explodidos. O fedor da inconsistência. As árvores, os troncos, a casca. A solidão, a solidão da vida!

as raízes fen-

dem o chão seco. O chão do planeta, de brilhos. O planeta silencioso. Suspenso como uma pedra. A vegetação, como órgãos. Os homens, como órgãos. O que roça a terrível crosta, a poeira da claridade. Os sóis errantes fazem e desfazem o espaço. As velhas esferas de pó, no vazio de pó, bretas, oh combustão, as severas paredes de éter, a infinita, a anuladora coincidência!

gira gira

os rios indo Os peixes, a sua desesperante ignorância de tudo. As pedras do chão e as que se levantam em voo. Em verdade, tudo cai. Os rios nunca passam. O lodo, a mesmice das águas. O nada. Giram giram. O homem de pé. O homem sentado. O homem de costas. Bicho sem apoio! Os pêlos no nariz, as unhas, os pêlos no ânus crescem. Os delicados testículos. A bunda do homem a severidade da fenda, a sua febre. Os dobrados, intestinos, o seu soturno aéreo trabalho. O homem caminha. É um rio andando. É uma árvore, andando. A lama, andando: sol, andando. O homem é um peixe de cabelos e morte clara. Os pés no chão. O rosto no ar do mundo, no vácuo conciso, sem tempo, porque onde nada sucede para além do engano. Sabe-se: os cristais brilham no fundo do chão. O silêncio é terra. Chove.

Em Saturno, as primeiras flores descobrem os anéis que os sábios envelhecaram. Amanhã, árvores começarão ali um espaço novo, de frutificar. Lembrará muito ainda, até que a vida se enfureça e se organize em máquinas autônomas; até que os peixes se desprendam das folhas da água, e se ergam os pássaros dos frutos apodrecidos no chão daquele mundo. Até que se inicie a devoração. Oh, mas já arqueja, como uma água exausta, o meu pó futuro!

3

Não conte casos, a senhora está velha. As suas mãos secam, os seus dentes, os braços. As unhas, sem brilho, cansaram de crescer. Não finja, não brinque com crianças.

Não esqueça o seu corpo! Os cabelos embranquecem e caem. Os dentes apodrecem e caem. A senhora está gastando, sozinha, como os seus móveis de jacarandá em sua alcova. O seu nariz, perde a forma, engrossa, é uma tromba. O rosto apagado (como um sol morto

que nunca foi vivo) e enxuto — os olhos rodeados de infinitas pálpebras e melancolias — me lembra o pó o pó o pó irremissível!

A senhora tem quarenta e nove anos, não é? e as suas pernas afinaram e as coxas afinaram; as nádegas, amolecidas na paciente rendição ao urinol cotidiano, as vossas severas nádegas, minha senhora, murcham sob as roupas. Triste cabelo, o que resguarda o seu sexo. Contra quê? Não espere mais, a senhora sabe que já não seria possível.

Comovem-me os seus pés ossudos, velhos de séculos, como os dum galináceo. A senhora é grave, apesar de todos os seus vícios; apesar do *báton* e do *rouge* tardios e das sobranceiras tiradas em vão. Apesar da forma ridícula que o corpo ganha e perde no arco do sentar-se.

O silêncio do seu corpo em pé, erguido no ar dos dias, desamparado como uma janela (que em tarde qualquer não estará aberta, nem fechada, em parte alguma do mundo).

Não saia. Sente-se nesta cadeira. Ou naquela. Olhe o assalto poeirento, que a senhora há duzentos anos pisa, sem ver: olhe a luz nas tábuas, a mesma que incendia as árvores lá fora. A tarde nas tábuas. Deixe que lhe penetre a densa espera do chão.

4

Tanto o seu estar, rubro e quieto, quanto o meu que se faz e desfaz o ar destas paredes — é queda. Vê-la é dizer-me: sol colhido, resumo de horas atravessadas de aviões e batidas de mar, fechado abismo: oh vertiginoso acúmulo de nadas!

Maçã? Sirvo-me deste nome como dum caminho para não te tocar, cousa, fera, objeto vermelho e súbito, que o vóo de ignorados meteoros amadurecera num quintal da Europa.

(o cometa de Halley, enquanto escrevo, inventa e queima o seu curso precipite)

Sim, para não te tocar no que não és: forma e cor aqui, e algo mais que o corpo unicamente sabe, festa, explosão, ameaça a este céu atual. O que duras, no agora que já se desprendeu de nós e se ergue acima deste, é uma exata espera de alegria — precipitável na boca, feito um relâmpago. E que tenho vivido, e por isso quanta distância entre nós!

Tu sobre a mesa, eu sobre a cama. Só o que não és conheço — e só o que não sou te procuro, que o ser não caminha no ar. A palavra te cobre — e debaixo dela estás

solitante como um astro ou um pássaro vivo na mão. Separaram-nos os vícios do corpo e a presença geral do dia.

Todas palavras como a tua cor, fruta, são as nossas acrobacias, o nosso pobre jogo. O que somos é escuro, fechado, e está sempre de borco. Faltamos, gesticulamos, soluçamos, puerilmente, em torno dele — que não nos ouve nem nos conhece. O seu rosto (será esplendente? duma dura luz?) não se ergue jamais; no extremo desconhecimento se estacelará, dobrado contra o seu ventre de terra. O que somos, o ser, que não somos, não ri, não se move, o dorso velhíssimo coberto de poeira; secas, as suas humeratas asas, que não são para voar, mas para não voar. O que somos não nos ama: quer apenas morrer ferozmente)

5

Vai o animal no campo; ele é o campo como o capim, que é o campo se dando para que haja sempre boi e campo; que campo e boi é o boi andar no campo e comer do sempre novo chão. Vai o boi, árvore que mugue, trabalho da paisagem em caminho. Deita-se o boi, e rumina, e olha a erva ao redor de seu corpo, para o seu corpo, que cresce para a erva. Levanta-se o boi, é o campo que se ergue em suas patas para andar sobre o seu dorso. E cada fato é já a fabricação de flores que se erguerão do pó dos ossos que a chuva lavará,

quando for tempo.

6

! Velho o sol deste mundo; velha, a solidão da palavra, a solidão do objeto; e o chão — o chão onde os pés caminham. Onde o pássaro voa para a árvore.

Vai o animal no campo; ele é o campo como o capim, que é o campo se dando para que haja sempre boi e campo; que campo e boi é o boi andar no campo e comer do sempre novo chão. Vai o boi, árvore que muge, retalho da paisagem em caminho. Deita-se o boi, e ruminá, e olha a erva a crescer em redor de seu corpo, para o seu corpo, que cresce para a erva. Levanta-se o boi, é o campo que se ergue para patas para andar sobre o seu dorso. E cada fato é já a fabricação de flores que se erguerão do pó dos ossos que a chuva lavará,
quando for o tempo.

É velho o sol deste mundo; velha, a solidão da palavra, a solidão do objeto; e o chão — o chão onde os pés caminham. Onde o pássaro voa para a árvore.

Os da terra

A claridade destruiu os cavalos neste chão de evidências; as velhas caem das folhas, com os seus dentes, numa vacilação de ar; duas formas, sentadas, falam do tempo do corpo: "os que cavam ferem a terra e a luz"; mas anda o espaço, o campo de pura mecânica; "esta brisa que, amanhã, derrubou as janelas, ontem voltará, sem que te vejas"; colhe-se a futura cor, com mão de agora.

Agora quis descer, e não havia chão; ou descer seria subir? Mas o espaço se perdia sem margem, sempre. Ela, a água, era o centro. Se se movesse para o alto de si, para baixo de si, ainda seria o centro. Sou o centro, pensava já com certo orgulho, o pássaro. Mas se deu a voar numa só direção, no esbanjamento de seu privilégio. E a sua minúscula figura em marcha assinalava, sempre, uma referência entre um mesmo ponto do vazio e outro qualquer que não se quisesse. Depois, a necessidade de pousar cresceu como um olho de obsessão em seu corpo. E não havia terra. Apenas o ar. O ar, que só era um abismo porque ela estava ali. Voava, e o movimento das asas moía-lhe as articulações. Ela, a água, sabia (não sabia por quê) que uma água em vôo não deve fechar as asas, e por isso, talvez, gemia e continuava. Agora, o sangue, descendo-lhe das axilas, ensopava-lhe a plumagem do peito. Mas a água não parou. Não parou nunca (nunca, nunca, etc.). Nem depois que seu corpo começou a rodar, precipitado. Ninguém dirá quando veio a morte. É certo, porém, que ela não teve a alegria de uma última descoberta. Mas vós tereis: ela caía na mesma direção de seu vôo, como se o continuasse.

O abismo da verdura

Já na grama atual, é verde a luz destes cabões, o brilho das unhas; vegetal, e pequeno sol to sorriso. Nada retirá a figura do corpo, que só a palavra, o seu secreto clareo, ilumina; ou a alegria do exercício.

Movo-me, aqui; mas, largado, esseco num deserto que a pura luz dos barulhos edifica; onde a azul é faminto, céu contumaz, descido nos meus pés como um corpo.

Aqui sentou-se o som, o opaco, som; aqui? lugar de vento!; e a luz sentada, a luz!; tempo mais ar mais ar e ar e ar; aqui, tempo sentido; não sopra, não, me escondo a cor me gasta.

Varre, varre, não dissesse, varre, e dentro dos olhos, onde a noite se inveja; e o medo menor que fende a nuca — vacilas, cavejado, sobre instantâneo chão feérico; varre, mas a nossa pele já se estende, velha, entre um campo íspeto de esteras.

Um abre no ar violento do quarto; árvores acesas numa trepidação
de céus velozes; escancarada a azul boca de fera; o frango ciscava o chão
do planeta; aí, vôo de clarões rápidos, e grita no ferro o pó das mortes,
— oh tardes do mundo!, os séculos soprando por cima de meu telhado!,
a guerra do homem, os pés como relâmpagos, o homem dobrado sobre
o homem, eu devorava o meu estômago.

quando espanquei o garoto ossudo, ele virou um pássaro e acomeceu-me;
peguei-o na invenção do vôo e o estrangulei; fugi adiante, ele me espe-
rava, sorridente, o pássaro!, saltei sobre o seu corpo de assombro e meus
pés o despedaçaram; não ventava naquela rua, fugi; os cavalos cresciam e
baixavam o pescoço veloz; clamam os vãos do pavor; os ramos cresciam
e secavam vertiginosamente; a rapidez das rosas me atordoava, eu cam-
baleava, os homens surgiam e se apagavam, rápidos, como buracos no ar;
os dias se despedaçando feito bólidos contra a minha forma soluçante; e
o pássaro reaparecia no início das distâncias, correndo velocíssimo num
monocípede; já o corpo se fende, entro na minha cidade, siga, pare, os
frangos, pare, pare, onde fora meu quarto, de ar, e bilhas, aí, só floresce
a pura ossada de minha avó, meus pés de garras precipitam-se nos vâ-
cuos, roda a cabeça sob os passos, o joelho se esgarça, me fujo-me num
definitivo assovio sobre o envelhecimento dos sistemas!: fiiiiiiiiiiiiiiiiiiii

OS JOGADORES DE DAMA

Se te voltas, a verdura esplende O rosto dos homens se perdeu no chão
das ruas Dura, nas folhas, o sol sem tempo
Voa com o pássaro a solidão do seu corpo Somos arames estendidos no
ar de um pátio que ninguém visita Vamos, o que sempre há, e não cessa,
é o tempo soprando no tempo A orelha que envelhece dobrada sobre o
som do mundo

ninguém sabe em que território de fogo e sob que nuvens os homens
arquejam e pendem entre os clarões da poeira um rosto dourado e cego
nem em que tarde das tardes as derradeiras aves desceram para a terra e
um vento desfez seu corpo!

Agora quis descer, e não havia chão; ou descer seria subir? Mas o espaço se
perdia sem margem, sempre. Ela, a águia, era o centro. Se se movesse para
o alto de si, para baixo de si, ainda seria o centro. Sou o centro, pensava
já com certo orgulho, o pássaro. Mas se deu a voar numa só direção, no
esbanjamento de seu privilégio. E a sua minúscula figura em marcha as-
sinhalava, sempre, uma referência entre um mesmo ponto do vazio e outro
qualquer que não se quisesse. Depois, a necessidade de pousar cresceu
como um olho de obsessão em seu corpo. E não havia terra. Apenas o ar.
(o ar, que só era um abismo porque ela estava ali. Voava, e o movimento
das asas moía-lhe as articulações. Ela, a águia, sabia (não sabia por quê)
que uma águia em vôo não deve fechar as asas, e por isso, talvez, gemia
e continuava. Agora, o sangue, descendo-lhe das axilas, ensopava-lhe a

plumagem do peito. Mas a água não parou. Não parou nunca (nunca, nunca etc.). Nem depois que seu corpo começou a rodar, precipitado. Ninguém dirá quando veio a morte. É certo, porém, que ela não teve a alegria de uma última descoberta. Mas vós tereis: ela caiu na mesma direção de seu vóo, como se o continuasse.

OS DA TERRA

A claridade destruiu os cavalos neste chão de evidências; as velhas caem das folhas, com os seus dentes, numa vacilação de ar; duas formas, sentadas, falam do tempo do corpo: "os que cavam ferem a terra e a luz"; mas anda o espaço, o campo de pura mecânica: "esta brisa que, amanhã, derrubou as janelas, ontem voltará, sem que te vejas"; colhe-se a futura cor, com mão de agora.

Vieste, Harry, Joe ou John, e apoiavas o braço na cerca do curral, olhando o vóo da poeira requemada. Homens, bois, habitantes do Texas — pensaste? Foi num dia de tua vida, Harry.

Na manhã de um século, seis homens louros tiram num bar da Alemanha. As janelas estavam abertas. Ah, eles rolaram de borco sobre as estações!

Os seres riem num espaço de luzes concisas; é a festa do escuro real convívio dos legumes; a água cresce na verdura; o agrado da morte, sorridente, pelo contorno das folhas

a vegetação apagou minha boca violenta; o vento é uma planta da terra, começa a meu lado; arri! destrói as cores em que se apóia o verão!

o som dos pés; as risadas debaixo das águas; os vóos; o brilho de nossos braços — oh verdades de uma luz que foge nas acátas!